

APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista Literatura, História e Memória apresenta em seu dossiê **“Literatura, fronteiras e territórios”** estudos que abordam questões sobre fronteiras e seus deslocamentos. A partir da noção de fronteira, entendida não só como limite, senão como zona de contatos e de entrecruzamentos, são abordados diversos questionamentos relacionados aos processos migratórios e de diáspora, assim como à configuração das identidades culturais que se originam desses contatos. A fronteira está ligada estreitamente ao cruze permanente de uma linha divisória, da qual surge uma ideia de fronteira que se transforma num conceito cultural, *“una abstracción”*, *“una metáfora”* (TABUENCA CÓRDOBA¹, 1997, p. 86) que resulta da vivência bicultural ou multicultural que um movimento migratório traz. Esta ideia tem se alimentado de discursos produzidos e amplamente difundidos no terreno intelectual em que as minorias têm maior relevância e transcendência. Dessa maneira, a fronteira, como sistema simbólico, adquire diferentes significados dependendo do sentido que os grupos sociais dão à geografia, à política e à história que permitiram tanto a criação do território quanto sua divisão posterior.

Vivemos numa época de mudanças rápidas que deixam a sensação de viver nos limites. Pensar os territórios, as fronteiras e o fronteiriço é uma tarefa da época, somente possível em momentos de crise e mudança. Os territórios movimentam-se, e são os indivíduos que os habitam os que modificam os espaços vitais e os desejos territoriais. Muito mais que uma coisa ou objeto, um território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento concomitante de territorialização e desterritorialização, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle.

Considerando as questões de intercâmbio de valores e culturas Néstor García Canclini (1997)², propõe a fronteira como o paradigma da pós-modernidade, como o espaço pós-moderno por excelência. As grandes urbes fronteiriças, segundo García Canclini, são espaços favoráveis para processos de hibridação devido à presença de diversas culturas, línguas e expressões tecnológicas. Para o crítico, a hibridação nesses espaços é propiciada pela transnacionalização dos capitais e pelas dinâmicas económicas e culturais. A transnacionalização e, por conseguinte, a hibridação, segundo observa García Canclini, clausuram a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”. Cria-se dessa maneira um conceito que se define primordialmente a partir de processos de migração e experiências de diáspora os quais suscitam situações axiomáticas como multiculturalismo, desterritorialización, bilinguismo, hibridação, crise de identidades, repressão, assimilação e resistência. A teoria de fronteira é, então, um conjunto de atos narrados segundo o sistema simbólico que a fronteira representa para a comunidade.

Abre o Dossiê “Literatura, Fronteiras e Territórios” o capítulo denominado “A

constituição do viajante transcultural: um estudo de *Figura na sombra*, de Assis Brasil”, das autoras Ana Maria Klock e Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza, que tecem questionamentos sobre as produções híbridas de história e ficção enquanto modalidade de releituras críticas. O estudo aborda discussões sobre o resgate memorial da biografia do naturalista francês Aimé Bonpland, figura que permaneceu à margem dos registros históricos, mas que é reapresentado através da ficção. A narrativa direciona-se, portanto, a questões relativas à formação identitária, trânsitos, travessias de fronteiras e processos transculturais em que o sujeito durante a sua jornada se renova no contato, nas trocas e nas relações com as diversas culturas, evidenciando, dessa forma, um fenômeno pungente em toda a América Latina.

A pesquisadora Lacy Guaraciaba Machado em seu estudo “Processos de Composição Ficcional: Expressão da Consciência Nacional e Cultural de Povos Africano e Brasileiro” analisa a organização das narrativas *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, centrando as reflexões nos processos de representação ficcional do sentimento de nacionalidade e de traços culturais das personagens, sua heroicidade e suas desventuras. A autora percebe que no espaço moçambicano há um apelo à cultura de raiz e, no outro há ênfase sobre a formação étnica e cultural do povo brasileiro. Nas presentes narrativas, povo é noção que perpassa a história, metaforicamente. Em *Terra sonâmbula*, entretanto, o arranjo dissimulador consiste em narrativizar consequências do processo de colonização, em que o tema dominante incide sobre uma guerra que disputa projetos para Moçambique. As análises das narrativas embasam-se em conceitos encontrados em Homi K. Bhabha, Franz Fanon, Stuart Hall e outros: entretempo, entre-lugar, povo, nação e identidade.

Na sequência, Mariana Sousa Dias aborda os tensionamentos que envolvem memória coletiva e discurso historiográfico nos romances *Yaka* (1984) e *Lueji – o nascimento de um império* (1989), de Pepetela. A pesquisadora observa de que maneiras o autor reinstaura o caráter coletivo intrínseco ao projeto de angolanidade, desconstruindo a univocidade do centro e cedendo lugar aos sujeitos sonogados pela historiografia oficial durante séculos de colonização portuguesa.

No artigo “Guerra e Paz ou Memória e Racionalidade bélica em Tolstói” a autora Verónica Isabel Ferreira tece reflexões críticas sobre a contemporaneidade moldada pela Revolução Francesa. A experiência das Guerras Napoleônicas tolda a mentalidade do século XIX e inspira a literatura de autores como Lev Tolstói e Stendhal, literatura que representa plenamente o *zeitgeist* da época. A sociedade do século XIX e a guerra são profundamente bem descritas na obra *Guerra e Paz* de Tolstói. É nesta epopeia que a mentalidade da época se nos mostra com maior clareza, seja ela a da sociedade que se desenvolve concomitantemente ao desenvolvimento da guerra, quer do sentimento e lógicas

inerentes à Guerra. É nesta última que o pensamento de Tolstói e de estratégias contemporâneos se cruzam. A superação da finitude do Homem é um dos focos centrais da obra e antevê as preocupações existencialistas de uma época que decreta a *morte de Deus*.

O autor Glauco Cunha Caze, em seu artigo “Os nós dos Outros e os Outros em Nós: A formação plurilateral do sistema literário brasileiro” apresenta um estudo sobre a formação do sistema literário brasileiro a partir das concepções de deslocamento, identidade, influências externas e nacionalismo. Aborda-se, no texto, reflexões do crítico Antonio Candido, tendo em vista os posicionamentos críticos quanto à relação nós/outros.

Dawdson Soares Cangussu, no artigo “Mário Faustino e Benedito Nunes: existencialismo e desencanto com a história” discute a presença do existencialismo na produção literária paraense, no período compreendido entre os anos de 1946 e 1951, em que destaca as diferenças filosóficas e poéticas entre dois nomes desta geração, Benedito Nunes e Mário Faustino, os quais tiveram influências diferentes no que tange à filosofia da existência, visto que, enquanto Benedito Nunes cultivou um existencialismo sartreano, Mário Faustino ligou-se ao poeta introspectivo rilkiano.

A autora Marcia Valeria Sampaio, no artigo “Cicatrizes do exílio na ficção de Milton Hatoum” reflete sobre a obra *Romance das origens, origens do romance*, escrito por Marthe Robert, em que analisa, num primeiro momento, *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, enquanto romance familiar, levando em consideração seu contexto cultural, com o intuito de entender de que forma os conflitos familiares que permeiam a narrativa contribuíram, direta ou indiretamente, para a formação da personagem Yaqub, mais especificamente no que diz respeito à sua condição de bastardo. Assim, o artigo aborda - não apenas da busca por filiação e a aceitação social - mas também da inquietação com relação a própria origem, a perda de referências, a solidão, a dor pelo desenraizamento e o sentimento de orfandade frequente no exilado.

A pesquisadora Patrícia Leonor Martins, no artigo “A arte do humor: ‘Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo’”, analisa o humor presente nos vídeos do “Pastor Adélio, o pastor mais sincero do mundo”, criados pelo humorista Marcio Américo, centrando as reflexões e análise do texto nas abordagens sobre o riso.

A sessão “Pesquisa em Letras no contexto latino-americano e literatura, ensino e cultura” inicia-se com o artigo “Il Mulino del Po: o romance de Bacchelli inserido na modalidade de romance histórico clássico”, da autora Odete Oliveira Tasca, que apresenta uma leitura da trilogia *Il mulino del Po* (1957), de Riccardo Bacchelli, obra que retrata a complexa história de uma família de moleiros, vista em três gerações sucessivas, que acontece em um século de história: o período que vai desde a derrota de Napoleão na Rússia até a Primeira Guerra Mundial, retratando o banditismo e os primeiros conflitos sociais que se

deram no contexto da luta pelo Ressurgimento e pela Unificação da Itália. Da interligação entre História e a ficção, procura-se verificar como Bacchelli, apoiando-se na concepção da história positivista, direciona sua obra centrada no romance histórico clássico.

Em “Memória Literária e Interculturalidade em ‘Electra en la niebla’ de Gabriela Mistral”, Claudiane Prass e Antonio Donizeti da Cruz desenvolvem uma análise intertextual para compreender a relação do poema de Gabriela Mistral, “Electra em La Niebla” com a referência canônica do mito de Electra, centrada no valor poético de cada obra indistintamente, tendo em vista que, os textos se encontram produzidos em culturas, tempos e espaços diferentes.

No artigo “Um olhar reflexivo sobre o fazer poético de Julia de Burgos”, Lucilaine Tavares da Silva Anschau reflete sobre a escrita de autoria feminina da escritora porto-riquenha Julia Constancia Burgos Garcia, analisando a relação entre a literatura e a presença da mulher, bem como a reflexão sobre a obra poética da autora. Suas contribuições poéticas na América Latina fizeram dela uma das figuras mais fascinantes não só de Porto Rico no início do século XX, mas de toda literatura americana contemporânea. Teve uma vida intensa e definitivamente breve, mas certamente deixou um legado importante para a literatura.

No artigo intitulado “De volta para os anos incríveis: o debate político como herança do discurso dos movimentos artísticos dos anos 60 no Brasil”, José Orlando Cardoso do Monte Júnior analisa o ensaio “A participação engajada no calor dos anos 60”, de Heloisa Buarque de Hollanda destacando a separação que a escritora propõe entre os discursos de diferentes grupos ideológicos no efervescente contexto social, político e cultural da década de 1960 no Brasil. Os grupos discutidos no interior da intersecção entre o texto de Hollanda e o recorte temático de Cardoso do Monte Júnior são dois: aquele abrangido pela perspectiva populista do Centro Popular de Cultura (o CPC) e os grupos artísticos de vanguarda brasileiros, representados pelo movimento concretista e pelos poetas desenvolvedores e praticantes do poema-práxis e do poema-processo.

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz

Profa. Dra. Ximena Antonia Díaz Merino

Editores

NOTAS

¹ Tabuenca Córdoba, María Socorro. “Aproximaciones críticas sobre las literaturas de las fronteras.” *Frontera Norte* 9.18.1997. pp. 85-110.

² GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Imaginarios urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.